

Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**Relações Intergeracionais e Envelhecimento Ativo:
Narrativas de vida de missionários séniore**

Ana Paula Chastres Fernandes

Dissertação submetida como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:
Doutora Marta Gonçalves, Professora Auxiliar Convidada, ISCTE-IUL

Junho, 2014

Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

**Relações Intergeracionais e Envelhecimento Ativo:
Narrativas de vida de missionários séniore**

Ana Paula Chastres Fernandes

Dissertação submetida como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:
Doutora Marta Gonçalves, Professora Auxiliar Convidada, ISCTE-IUL

Junho, 2014

Agradecimentos

A dissertação de mestrado chegou fim, e os meus agradecimentos são para os que de alguma forma contribuíram para eu chegar aqui. Agradeço:

À Professora Marta Gonçalves, por ter acreditado em mim e pela motivação nos momentos de angústia.

À Carla Branco e Rita Vieira, amigas e companheiras, pela relação intergeracional criada entre nós.

Ao José Gonçalves, companheiro e amigo desta jornada de 5 anos, pela motivação e paciência nos meus dias mais agitados.

Aos meus amigos, pelo apoio e compreensão nos momentos de maior dedicação aos estudos.

Aos Missionários que se disponibilizaram para participar neste estudo.

À minha filha Patrícia Chastres, pelo apoio e pelo orgulho que sente por mim, motivo para continuar a minha formação pessoal.

Aos meus pais, pelo exemplo de vida, pelo amor, carinho e orgulho que sentem por mim.

Resumo

As relações intergeracionais e o envelhecimento ativo estão presentes ao longo do ciclo de vida do ser humano, influenciando-o física e psicologicamente. Conhecer as relações intergeracionais e o envelhecimento ativo de missionários séniores, que regressaram ao seu país de origem ao fim de 20 ou mais anos de missão no exterior, foi o objetivo desta investigação. Estas temáticas foram analisadas para melhor compreensão do ciclo de vida dos missionários séniores, no sentido de um melhor acompanhamento às gerações futuras. Neste estudo qualitativo, a informação foi recolhida através de narrativas de vida, no qual participaram 8 missionários séniores portugueses. Nas entrevistas foi utilizado um guião semiestruturado, com 13 dimensões, permitindo estabelecer uma conversa cronológica entre o participante e o entrevistador. Os resultados demonstram que foram estabelecidas relações intergeracionais criando confiança, segurança e bem-estar através da transmissão de conhecimentos, ao nível escolar e do ensino de regras básicas de saúde às comunidades de acolhimento. O desenvolvimento de múltiplas atividades, responsabilidades e tarefas, bem como a formação académica ao longo da vida, revelam-se características do envelhecimento ativo destes missionários. Estas duas temáticas contribuíram para uma retrospectiva de vida positiva dos missionários séniores.

Palavras-chave: relações intergeracionais, envelhecimento ativo, missionários séniores, narrativas de vida

PsycINFO Classification Categories and Codes: 2860 Gerontology
3000 Social Psychology
3020 Group & Interpersonal Processes

Abstract

The intergenerational relationships and the active aging are present along the lifecycle of the human being, which influence him physically and psychologically. The objective of this study is to know the relation between the generations and the active aging process of the seniors missionaries, who return to their origin country after 20 or more years of overseas mission. These subjects were analyzed for a better comprehension of seniors missionaries' lifecycle, in order to promote better attendance to future generations. In this qualitative study, the information was gathered from life narratives, with a total of 8 seniors portuguese missionaries as participants. In the interviews a semi-structured script was used, with 13 dimensions, allowing a chronological discussion between the participant and the interviewer. The intergenerational relationships provide trust, security and well-being trough the transmission of knowledge in an academic environment and through the transmission of basic health rules to host communities. The development of multiple activities, responsibilities, tasks and education over a lifetime, were aspects of the active aging process of these missionaries. These subjects contributed to a retrospective of positive living for the seniors missionaries.

Keywords: intergenerational relationships, active aging, seniors missionaries, life narratives

PsycINFO Classification Categories and Codes: 2860 Gerontology
3000 Social Psychology
3020 Group & Interpersonal Processes

Índice Geral

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract	iv
Índice de quadros.....	vi
Índice de figuras	vii
Glossário de Siglas	viii
1. Introdução.....	9
1.1. Problema e objectivos	9
1.2. Enquadramento teórico	10
1.2.1. Missionários.....	10
1.2.1.1. Adaptabilidade à cultura exterior.....	10
1.2.2. Desenvolvimento e envelhecimento ao longo da vida	11
1.2.3. A teoria de desenvolvimento por estádios de Erickson.....	11
1.2.4. As Relações Intergeracionais.....	12
1.2.4.1. Benefícios das RI	13
1.2.5. O envelhecimento ativo	14
1.2.5.1. Modelo do envelhecimento ativo da OMS	14
2. Metodologia	16
2.1. Participantes	16
2.2. Instrumento.....	16
2.3. Procedimento de recolha de dados.....	17
2.4. Procedimento de análise de dados	17
3. Resultados.....	18
4. Discussão	23
4.1. Limitações e direcções para futuras investigações.....	24
5. Conclusão.....	26
Referências	27
Anexos.....	29
<i>Anexo A – Guião da narrative de vida.....</i>	29
<i>Anexo B – Consentimento informado.....</i>	32
<i>Anexo C – Resumos das narrativas de vida</i>	33

Índice de quadros

Quadro 2.1. Dados sociodemográficos.....	16
Quadro 2.2. Análise de Conteúdo.....	18
Quadro 2.3. Frequências das Análise de Conteúdo por subcategorias	19

Índice de figuras

Figura 1.1. Determinantes do Envelhecimento Ativo (adaptado OMS, 2002)	15
Figura 2.1. Frequências da dimensão estudos/ profissão por estádios	21

Glossário de Siglas

EA – Envelhecimento ativo

RI – Relações intergeracionais

OMS – Organização Mundial da Saúde

1. Introdução

Atualmente, assistimos a uma alteração demográfica, na qual o envelhecimento da população mundial é um problema emergente, lançando novos desafios sociais. Durante a II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, em Madrid em 2012, foi emitido o alerta para a probabilidade de nos países mais desenvolvidos, o número de idosos possa quadruplicar, até ao ano de 2050. Este fenómeno do envelhecimento está relacionado com a baixa natalidade e com o aumento de esperança de vida, proporcionado pelos avanços da medicina.

Assim, torna-se relevante conhecer as Relações Intergeracionais (RI) e o Envelhecimento Ativo (EA) que ocorrem ao longo do ciclo de vida e influenciam os indivíduos a nível físico e a nível psicológico. É através da recolha de narrativas de vida dos Missionários séniores, que pretendemos identificar a presença destas duas temáticas.

As RI promovem a confiança, o bem-estar e a compreensão entre as diferentes gerações, enquanto os comportamentos saudáveis, as atividades cognitivas, as relações interpessoais e um bom funcionamento emocional, são alguns determinantes para um EA.

Neste trabalho pretende-se abordar estas duas temáticas na população específica dos Missionários séniores que regressam ao seu país de origem, Portugal, após 20 ou mais anos, por velhice ou problemas de saúde. A compreensão destas duas temáticas ao longo do ciclo de desenvolvimento, nesta população é importante, na medida que permitirá melhor acompanhamento nas gerações mais novas.

1.1. Problema e objectivos

O problema para esta investigação está centrado nos Missionários séniores que regressam a Portugal por motivos de doença ou reforma, sendo que alguns apresentam mobilidade reduzida e falta de motivação para continuarem ativos. Estes Missionários estiveram fora do país 20 ou mais anos, e viveram relações intergeracionais ao longo das suas vidas, formando homens e mulheres, não só espiritualmente como também no ensino de práticas básicas para o crescimento do ser humano como regras de saúde e escolarização, entre outras. De regresso, encontram um país diferente, evoluído, sentindo que não têm muito a fazer, devido à idade avançada ou por mobilidade reduzida.

Por outro lado, no último estágio de desenvolvimento, segundo a teoria de Erikson (Erikson & Erikson, 1998) existe um conflito psicossocial - Integridade versus Desespero – no qual os séniores fazem um balanço, uma retrospectiva das suas vidas. Quando este balanço é positivo surge um sentimento de bem-estar e satisfação. Quando as vivências nas suas diferentes fases não foram positivas, podem desenvolver sentimentos de desespero.

Assim, este estudo pretende perceber como os séniores experienciaram a intergeracionalidade e o seu envelhecimento ao longo da vida, identificando o respectivo impacto ao longo da sua vida e no estágio atual, de modo a melhorar o acompanhamento futuro das gerações mais novas.

1.2. Enquadramento teórico

1.2.1. Missionários

Os Missionários Consagrados são homens ou mulheres com inteira disponibilidade para a missão, os quais professam votos de celibato, obediência e pobreza, para toda a vida. Os Missionários podem ser Sacerdotes, visto que fizeram a formação Teológica e posteriormente receberam o Sacramento da Ordem que representam, ou podem ser leigos, apenas com formação religiosa e técnica, que irradiam o Evangelho pelo mundo.

Ser Missionário implica projectar-se para fora do seu país e ter em conta obstáculos como a cultura, a língua, as raças, o contexto social e até as diferentes religiões (Instituto Missionário da Consolata, 2008). A ação missionária tem como objetivo o desenvolvimento do povo, identifica as suas carências, dando resposta às necessidades básicas e de educação, promovendo o envolvimento e responsabilização do povo nas acções a desenvolver (Jesuítas em Portugal).

1.2.1.1. Adaptabilidade à cultura exterior

O facto dos missionários se projectarem para fora do país por períodos de tempo alargados, enquadram-se no grupo de indivíduos aos quais se aplica o termo de *Sojourners*, que segundo Navarra (2002), se refere a todos os indivíduos que vão viver para um país que não é o seu, durante alguns anos, ficando para trás a cultura e o país de origem.

O mesmo acontece com os expatriados, quando se ausentam para outro país por motivos profissionais durante largos períodos de tempo (Shephard, 1996). Na chegada ao país de acolhimento, os missionários são confrontados com realidades e contextos muito diferentes do seu país, iniciando-se então o processo de adaptação sociocultural, ou aculturação, um processo necessário para se integrarem na missão.

É importante ter abertura a novas experiências, estar disponível, porque ser missionário implica ter boas relações interpessoais, adaptabilidade a outras culturas e estabilidade emocional, para melhor resolução de problemas, contudo podem apresentar sintomas de *stress* e *burnout*, derivados do trabalho e das relações interpessoais, sendo que raramente manifestam as suas dificuldades de adaptação, porque têm uma imagem a defender (Pol, 1994).

Deste modo a capacidade de resiliência é determinante para fazer face à mudança e continuar um desenvolvimento positivo, permitindo que a adaptação às novas realidades, decorra da melhor forma, encontrando recursos para enfrentar o *stress*. Nos missionários a adaptação acontece quer na chegada à missão quer no regresso, decorridos longos anos, ao país de origem. Para Silva e Alves, (2007), a espiritualidade é uma dimensão do ser humano, revelando ser um factor que contribui para a superação de dificuldades ou crises existenciais, ou seja, perante situações adversas recorrem a factores espirituais, para enfrentarem as adversidades.

Segundo Gonçalves (2014), a capacidade de resiliência está presente durante as diferentes fases da vida do missionário, tendo Deus, os confrades, as comunidades, entre outros, como recursos para enfrentar acontecimentos que provocam *stress*, como os castigos escolares, os conflitos e tensões, bem como o sentimento de dependência de Deus.

1.2.2. Desenvolvimento e envelhecimento ao longo da vida

Inicialmente, os psicólogos do desenvolvimento preocuparam-se em estudar o desenvolvimento humano, focalizado nos primeiros anos de vida, mas actualmente existem outros conhecimentos, sobre as possibilidades de desenvolvimento e mudanças na idade adulta. O desenvolvimento do ser humano é influenciado pela época em que nasce e pelo contexto sociocultural em que se desenvolve, ou seja, o desenvolvimento é determinado por diversos factores, sendo único de indivíduo para indivíduo.

Segundo Baltes (1977), o desenvolvimento humano é um processo multidimensional e multidirecional, que acontece ao longo da vida, motivado por factores genético-biológicos e socioculturais. O mesmo autor refere que o desenvolvimento do ser humano consiste numa interacção dinâmica de perda e ganhos, sendo que, no processo de envelhecimento há uma necessidade de aumentar a quantidade e qualidade da cultura (recursos pessoais e sociais) no sentido de fazer face ao declínio cognitivo e à diminuição dos recursos biológicos. Com o objetivo de envelhecer com sucesso (Baltes & Smith, 1999). Segundo Baltes (1997), no seu modelo de desenvolvimento a interacção de três componentes: Selecção, na fase inicial da vida (escolhas de objectivos), Optimização, na fase intermédia da vida (aprofundar ou otimizar as escolhas dos objectivos), e Compensação, na fase da “sabedoria” de vida (em caso de perda de capacidades, compensar com outros recursos).

1.2.3. A teoria de desenvolvimento por estádios de Erickson

Erikson (Erikson & Erikson, 1998) apresenta uma abordagem psicossocial sobre o desenvolvimento humano, visto que o contexto familiar e social é determinante para o desenvolvimento do sujeito, pois uma vez que vive em grupo sofre a influência do mesmo (Michel et al, 2006). O meio onde se inicia a aprendizagem e a modelação é no seio familiar, local de transmissão de valor e normas sociais.

Na teoria de Erikson estão definidos oito estádios, distribuídos desde a infância até à velhice, sendo que cada fase influencia a seguinte. Ainda que, como Freud e Piaget, utilize fases de desenvolvimento do ciclo vital, existem características singulares na sua teoria como: desfocar-se da sexualidade e focar-se nas relações sociais, a personalidade da infância pode alterar-se consoante o aumento de novas experiências, em cada estágio existe uma crise e quando a resolução é positiva, o ego sai fortalecido, quando a crise não se consegue resolver o ego sai enfraquecido (Rabello et al, 2001). Assim, verifica-se que cada estágio é marcado por crises psicossociais, sendo a sua resolução determinante para o sucesso no estágio seguinte. Outra particularidade da Teoria de Desenvolvimento Humano de Erickson é o facto do último estágio incluir sujeitos com 65 ou mais anos, enquanto Piaget e Freud, nas suas teorias atribuírem importância ao desenvolvimento apenas até à adolescência. Então o desenvolvimento psicossocial de Erickson refere os seguintes estádios:

- a) Primeiro estágio, Confiança versus Desconfiança (0-18 meses), no qual o bebé aprende a confiar ou não na mãe, visto que este é o estágio onde é criada a relação do bebé com a

mãe. Na vertente positiva verifica-se o sentimento de confiança em relação ao meio. Na vertente negativa verifica-se o medo e a desconfiança em relação ao meio.

- b) Segundo estágio, Autonomia versus Dúvida e Vergonha (18 meses – 3 anos), no qual a criança pretende explorar e controlar o meio, sendo que, o facto de se expor pode causar dúvida ou vergonha. Na vertente positiva verifica-se auto-suficiência e na vertente negativa verifica-se dependência.
- c) Terceiro estágio, Iniciativa versus Culpa, (3-6 anos), no qual a iniciativa e aquisição de novas capacidades mentais estão presentes. Na vertente positiva verifica-se iniciativa para novas ações. Na vertente negativa verifica-se um sentimento de culpa pelas suas ações e pensamentos.
- d) Quarto estágio, Diligência versus Inferioridade (6- 12 anos), no qual se verifica interesse por novas experiências e capacidade de imaginação, sentindo inferioridade quando não é reconhecida no seu grupo. Na vertente positiva verifica-se um sentido de competência e na vertente negativa, de incompetência.
- e) Quinto estágio, Identidade versus Difusão/confusão (12-18/20 anos), verifica-se a exploração dos vários papéis sociais, tendo-se a noção que é um ser com identidade própria, por outro lado, pode-se ter dificuldade em fazer escolhas. Na vertente positiva verifica-se identidade pessoal e na vertente negativa uma confusão de papéis.
- f) Sexto estágio, Intimidade versus Isolamento (18/20-35 anos), no qual o amor e a afiliação são determinantes para estabelecer relações de intimidade com base em compromisso, sendo que, pode ocorrer isolamento se não se conseguir partilhar o afeto e criar relações privilegiadas. Na vertente positiva há um desenvolvimento de relações amorosas e de amizade. Na vertente negativa medo de relações de intimidade e de compromissos.
- g) Sétimo estágio, Generatividade versus Estagnação (35- 65 anos), no qual a generatividade significa a afirmação e o comprometimento do adulto com a sociedade, cooperando para um mundo melhor, mas quando a pessoa se centra em si própria estagna. Na vertente positiva verifica-se o contributo social e na vertente negativa, verifica-se a centralidade no eu.
- h) Oitavo estágio, Integridade versus Desespero (mais de 65 anos), verifica-se a entrada na reforma, bem como o momento da reflexão e balanço da vida, sendo que, quando as vivências são consideradas positivas surge a integridade. Quando a reflexão e o balanço sobre a vida é negativo e se renegam as vivências, surge o desespero. Na vertente positiva verifica-se um sentimento de realização com a vida. Na vertente negativa verifica-se o sentimento de perda quanto às oportunidades da vida e já não é possível recomeçar.

1.2.4. As Relações Intergeracionais

As relações intergeracionais (RI) têm início no seio da família, local onde se inicia a socialização das crianças. A interação e troca de afetos entre os membros familiares contribuem, desde muito cedo, para a criação de laços intergeracionais e respeito pelos mais velhos, diminuindo o preconceito relacionado com os idosos, uma vez que, este pode também surgir dentro da própria família.

Segundo Goldman (2002), “a intergeracionalidade é um conceito que se vive, que se aplica à vida quotidiana. É uma forma de aproximação entre as gerações para melhor compreender e encontrar soluções para os problemas que envolvem todas as faixas etárias.” A dificuldade de entendimento e compreensão entre as gerações mais novas e as gerações mais velhas gera alguns conflitos, sendo que, a promoção do ensino e aprendizagem intergeracional podem diminuir estes choques, contribuindo para a evolução de sociedades inclusivas (Pinto et al., 2008), bem como, para a diminuição do preconceito associado aos idosos, presente na sociedade e promovido muitas vezes pela comunicação social (Marques, 2012).

Assim, promover as RI é uma forma de aproximar as gerações, combater os preconceitos associados à idade (diminuição do Idadismo) e aumentar a solidariedade intergeracional.

As RI nos Missionários séniores estão presentes no trabalho desenvolvido junto das comunidades, quer estejam em missão ou não. Quando estão em missões prestam serviço na formação de homens e mulheres, não só espiritualmente, como também ensinam as regras básicas de saúde, alfabetização, formação na área agrícola, bem como prestam serviço de assistência religiosa às comunidades. Fora da missão alguns missionários dão formação em seminários e prestam também assistência religiosa às comunidades.

1.2.4.1. Benefícios das RI

As RI revelam-se positivas na medida em que a transmissão de conhecimentos e de saberes entre as diferentes gerações promovendo a aproximação, o convívio e a criação de laços afetivos.

Em termos de resolução de problemas sociais, o envolvimento intergeracional, na abordagem de contextos específicos, como o bullying, a delinquência infantil, os sem-abrigo e o abuso de idosos, contribui para a evolução das sociedades (Pinto et al., 2008). Esta transmissão de conhecimentos intergeracionais é multidimensional, criando pontes entre as diferentes gerações, originando uma grande variabilidade de relações sociais (MacCallum et al., 2010).

Segundo a definição consensual a nível internacional, “As práticas Intergeracionais, procuram juntar pessoas com o mesmo propósito, através de atividades que as beneficiem mutuamente e que promovem um melhor entendimento e respeito entre as gerações” (Pinto et al., 2008). Deste modo, muitos profissionais que interagem diariamente com séniores, manifestam uma opinião positiva quanto aos programas Intergeracionais na medida em que estes são um meio, para os séniores desenvolverem e partilharem as suas experiências e os seus conhecimentos, com as gerações mais novas (Kuehene, 2003). Na teoria de Erikson (Erikson & Erikson, 1998), o conceito de *Generatividade*, refere-se ao comprometimento e o cuidado do adulto com as gerações mais novas, no sentido de cooperação para uma sociedade melhor.

Os estudos referem ainda, que as relações Intergeracionais promovem o bem-estar, a confiança e compreensão entre os participantes de diferentes gerações, contribuindo também para aumentar a auto-estima e envelhecer activamente (Grazina & Sousa, 2012).

1.2.5. O envelhecimento ativo

Atualmente, as populações estão envelhecidas e a esperança média de vida aumentou, graças ao avanço da medicina. De acordo com esta longevidade, é necessário aumentar a qualidade de vida à quantidade de anos, consciencializando as pessoas da sua responsabilidade para um envelhecimento ativo ao longo da vida.

O envelhecimento ativo está assente num “processo de cidadania plena, em que se optimizam oportunidades de participação, segurança e uma maior qualidade de vida à medida que as pessoas vão envelhecendo” (Programa de acção, 2012). Envelhecer ativamente é um processo que decorre ao longo da vida e não apenas a partir da idade da reforma, no qual existem determinantes internos/individuais e externos/sociais que contribuem para a qualidade de vida.

A promoção de comportamentos e hábitos saudáveis (e.g. exercício físico, alimentação cuidada e não fumar), actividades cognitivas ao longo da vida, um bom funcionamento emotivo e motivacional, e as relações sociais nos seus diferentes contextos (e.g. familiar, amizade e profissional) contribuem para um envelhecimento ativo, influenciando a satisfação com a vida, a auto-eficácia e o modo de atuação em situações de conflito, atenuando o declínio intelectual e cognitivo (Ballesteros, 2009). As escolhas, opções e comportamentos individuais expressam-se física e psicologicamente no processo de envelhecimento ao longo da vida (Paúl, et al, 2011).

Segundo Bowling (2008), as percepções dos séniores sobre o envelhecimento ativo passam pela saúde física, pelas actividades de lazer e sociais e também pela saúde mental. Assim, a estimulação cognitiva ao nível da memória, ao nível da atenção e da linguagem, bem como o exercício físico e as actividades socioculturais previnem ou moderam o declínio cognitivo (Meyers, 2008).

1.2.5.1. Modelo do envelhecimento ativo da OMS

De acordo com a Organização Mundial da Saúde envelhecer activamente assenta em três pilares: saúde, segurança e participação social com o objectivo de contribuir para o aumento da qualidade de vida durante a velhice (OMS, 2002: 12), não podendo esquecer a cultura e o género, importantes para a clarificação do modelo.

Segundo a OMS existem determinantes que influenciam o envelhecimento ativo como: os serviços sociais e de saúde, aos quais cabe promover a saúde, igualdade de acesso aos cuidados de saúde primários, bem como a prevenção de doenças, os determinantes comportamentais, que se pautam pelas escolhas feitas ao longo da vida, como não fumar, actividades físicas e intelectuais, ter cuidado com a alimentação, não ter comportamentos aditivos como drogas e álcool, a fim de prevenir doenças e aumentar a qualidade de vida, os determinantes pessoais, que dizem respeito aos fatores genético-biológicos e aos fatores psicológicos, os determinantes relacionados com o ambiente físico, os quais passam pela prevenção de acidentes, como quedas, podendo ocorrer nestes casos traumatismos físicos, os determinantes sociais, que incluem direito a proteção contra a violência e maus tratos sobre os idosos, direito ao apoio social, educação e formação ao longo da vida, e os determinantes económicos, passam pela oportunidade de outras actividades laborais, proteção social e rendimentos (figura 1.1).

Figura 1.1. Determinantes do Envelhecimento Ativo (adaptado OMS, 2002)



Ao processo do EA, além destes determinantes temos de incluir o género, visto que homens e mulheres além das suas diferenças genéticas apresentam diferenças ao nível do comportamento, da esperança média de vida e ao nível da morbilidade. A cultura é outro factor a incluir no EA, porque sendo o envelhecimento um processo comum a todas as pessoas, em todos os continentes, este ocorre consoante as estratégias adaptativas utilizadas ao longo do ciclo de vida, consoante as experiências de vida pessoal, bem como a utilização dos recursos disponíveis (OMS, 2002)

2. Metodologia

Neste estudo foi usada uma metodologia qualitativa, através da recolha de narrativas de vida, as quais segundo MacAdams (1988), têm uma abordagem psicológica, fazendo esta constatação por exemplo, através das psicobiografias realizadas por Freud e outras realizadas por Erikson. Para as entrevistas foi utilizado um guião semiestruturado, com perguntas abertas, por forma a conhecer o percurso de vida de cada sujeito a nível pessoal e social, identificar, atitudes, hábitos, relações e valores experienciados pelos séniores ao longo da vida. A narrativa de vida permite compreender os acontecimentos, os contextos dos episódios de vida, as emoções, durante o percurso de vida, tal como a pessoa os vivenciou (Atkinson, 1998; Bertaux, 2005). Esta abordagem fortalece o conhecimento pessoal, histórico e social de cada indivíduo, ao longo do seu percurso de vida.

A importância das narrativas de vida prende-se com o facto do estudo psicológico do ser humano se verificar ao nível interno, logo a descrição das vivências, das experiências e os diferentes contextos de vida, são determinantes para conhecer o percurso de cada indivíduo (Lieblich, Tuval-Maschiach, & Zilber, 1998).

O estudo qualitativo, através das narrativas de vida, é determinante para identificar o significado do percurso de vida e o impacto deste na fase do balanço de vida e na vida atual dos Missionários.

2.1. Participantes

Este estudo contou com oito participantes séniores, sete missionários dos quais seis Padres e um Irmão e uma missionária leiga, todos de nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 76 e 86 anos, tendo a média de idades 79,5 ($DP=3,85$). Estes Missionários estiveram em missão no exterior 20 ou mais anos, sendo a média de 24,9 ($DP=4,36$), após a conclusão da formação académica e/ou profissional, que decorreu em Institutos Religiosos. Esta amostra apresenta indivíduos com formação em Filosofia e Teologia que posteriormente são Ordenados Padres, e outros indivíduos com formação técnica, sem formação Teológica, considerados Irmãos e Irmãs.

Quadro 2.1. Dados sociodemográficos

Idade	Formação Académica	Título Religioso	Anos em Missão
$M = 79,5$	Teologia – 66,7%	Padre – 75%	$M = 24,9$
$DP = 3,85$	Seminário – 11,1%	Irmã – 12,5%	$DP = 4,36$
Mínima – 76	Licenciatura – 11,1%	Irmão – 12,5%	Mínimo – 18
Máxima – 86	Doutoramento – 11,1%		Máximo – 30

2.2. Instrumento

As narrativas de vida foram recolhidas através de entrevistas biográficas, tendo sido utilizado um guião semiestruturado (anexo A), com questões abertas, permitindo que o entrevistado relatasse acontecimentos, episódios importantes e marcantes da sua vida (Garland & Garland, 2001), sendo que poderá a qualquer momento ser colocada uma ou outra questão, consoante o relato. A narrativa

de vida permite compreender os acontecimentos, os contextos dos episódios de vida, as emoções, durante o percurso de vida, tal como a pessoa os vivenciou (Atkinson, 1998; Bertaux, 2005).

A composição do guião das narrativas de vida, adaptado de Garland & Garland (2001), apresenta 13 dimensões, as quais abordam cronologicamente a vida dos sujeitos, desde os primeiros anos até ao momento atual, existindo em cada dimensão alguns pontos importantes que devem ser descritos para melhor compreensão das diferentes fases do desenvolvimento do sujeito. Assim, o guião compreende as 13 dimensões: “Quando nasci e os meus primeiros anos”, “Quem compunha a minha família e condições de vida”, “Escola” (relação com os colegas e os professores e os projectos do futuro), “Relações familiares”, “Chamamento” (para a vida religiosa e a idade de entrada no instituto), “Universidade” (formação académica onde e como decorreu), “Noviciado”, “Missão” países de missão, adaptação), “Últimos anos da missão”, “Chegada a Portugal”, “Hoje em Portugal qual a relação com o que lá deixou”, “Como foi a vida depois do regresso”, “Envelhecimento”, (balanço/retrospectiva de vida).

2.3. Procedimento de recolha de dados

Os participantes neste estudo foram contactados pessoalmente ou por *e-mail*, consoante o seu local de residência. Após a solicitação para a colaboração no estudo e do esclarecimento dos objectivos, foi marcada a entrevista, tendo em conta a disponibilidade de cada sujeito. No dia da entrevista e antes do seu início, foram novamente referidos os objectivos do estudo, e foi entregue o consentimento informado (anexo B) no qual está garantida a confidencialidade dos dados recolhidos e os agradecimentos pela participação no estudo.

Cada entrevista teve em média uma hora de duração, tendo sido gravada em áudio, com autorização prévia do entrevistado em consentimento informado. Durante a recolha da narrativa de vida, foram introduzidas questões que surgiam durante a descrição de alguns acontecimentos. No decorrer da entrevista o processo de escuta do outro foi importante quer na condução da entrevista, no respeito pelos momentos de silêncio, quer pelas pausas surgidas durante a descrição de alguns acontecimentos menos presentes ou factos que despoletam emoções mais intensas. No final da entrevista foram efectuados os agradecimentos pela participação no estudo.

2.4. Procedimento de análise de dados

Após a recolha das oito entrevistas, estas foram transcritas na íntegra, no dia seguinte a fim de ter presente o diálogo, bem como emoções, atitudes e expressões do entrevistado. De seguida as entrevistas foram codificadas e feita uma leitura flutuante a fim de identificar e organizar os pontos mais importantes. Segundo as temáticas a analisar, as RI e o EA, definiram-se estas como as principais categorias nas quais se agrupou toda a informação correspondente, que depois de analisada detalhadamente foi novamente agrupada em subcategorias dentro dos estádios de Erikson.

Estas subcategorias permitiram identificar de que modo as RI e o EA, estão presentes no ciclo de vida, a partir do quarto estádio de desenvolvimento segundo a teoria de Erikson (Erikson & Erikson, 1998).

3. Resultados

Após a análise de conteúdo, surgiram subcategorias, as quais foram relacionadas com a Teoria do Desenvolvimento Humano de Erikson (Erikson & Erikson, 1998), abordando as duas temáticas de estudo, RI e EA. A análise foi feita a partir do quarto estágio de desenvolvimento, inclusive, justificado pela importância do atual estudo.

Na tabela de análise de conteúdo, no quadro 2.2, podemos identificar de que forma se verificaram as RI e o EA a partir do quarto estágio de desenvolvimento, como já referido anteriormente. Em cada estágio de desenvolvimento é pretendido a aquisição de determinadas competências, para que a passagem ao estágio seguinte decorra de forma positiva. Encontra-se no anexo C resumos das narrativas que ilustram as subcategorias identificadas.

Quadro 2.2. Análise de Conteúdo

ESTÁDIOS DE ERICKSON	CATEGORIAS GERAIS			
	RELAÇÕES INTERGERACIONAIS		ENVELHECIMENTO ATIVO	
	Dimensões	Subcategorias	Dimensões	Subcategorias
4º Estádio Diligência vs. Inferioridade	Família de Origem	<ul style="list-style-type: none"> Bom ambiente familiar com as diferentes gerações Famílias numerosas 	Estudos/Profissão	<ul style="list-style-type: none"> Trabalhar para ajudar a família Completaram escola primária Entrada no seminário
	Estudos/Profissão	<ul style="list-style-type: none"> Relação intergeracional na escola era difícil 		
	Motivação para ingressar no Seminário	<ul style="list-style-type: none"> Testemunhos familiares e de pregadores 		
5º Estádio Identidade vs. Confusão de Papeis	Estudos/Profissão	<ul style="list-style-type: none"> Transmissão de conhecimento entre gerações Ano de Noviciado 	Estudos/Profissão	<ul style="list-style-type: none"> Profissão de carpinteiro Curso de enfermagem Formação em várias disciplinas Entrada para o seminário Formação espiritual
6º Estádio Intimidade vs. Isolamento	Estudos/ Profissão	<ul style="list-style-type: none"> Ano de Noviciado Ordenação Sacerdotal Chamamento pelo Bispo para Missão 	Estudos/Profissão	<ul style="list-style-type: none"> Trabalho fabril Formação espiritual Entrada para o seminário Trabalho de Serviço Social Gerência de hotel Formação em várias disciplinas
	Missão 1 Moçambique Guiné Bissau Angola	<ul style="list-style-type: none"> Dar formação escolar e profissional Adaptação difícil (na missão) Visitas pastorais 	Missão 1 Moçambique Guiné Bissau Angola	<ul style="list-style-type: none"> Trabalhos hortícolas Traduções Trabalhos de construção Trabalho de Serviço Social
7º Estádio Generatividade vs. Estagnação	Missão 2 Congo Argentina Angola Moçambique	<ul style="list-style-type: none"> Formação escolar e profissional Contatos com militares 	Estudos/Profissão	<ul style="list-style-type: none"> Formação religiosa Estudos universitários Vice-Reitor num seminário
			Motivo de Regresso	<ul style="list-style-type: none"> Regresso por motivos de Saúde
8º Estádio Integridade vs. Desespero	Balço de Vida	<ul style="list-style-type: none"> Balço positivo Vontade de ter feito mais e melhor pela missão 		
	Quotidiano atual	<ul style="list-style-type: none"> Atividades religiosas com a população Visitas a familiares e amigos 	Quotidiano atual	<ul style="list-style-type: none"> Atividades que promovem a qualidade de vida

Na análise de conteúdo verificou-se uma maior frequência de unidades de análise nas seguintes subcategorias (quadro 2.3): “Famílias numerosas”, “Testemunhos familiares e pregadores”, e “Completaram a escola primária”, no quarto estágio de desenvolvimento, enquanto a “Adaptação difícil” e a “Formação em várias disciplinas” foram as subcategorias mais referidas no sexto estágio, e o “Balanço de vida”, as “Atividades religiosas com a população”, e as “Atividades que promovem a qualidade de vida” foram as mais frequentes no oitavo estágio.

Quadro 2.3. Frequências das Análise de Conteúdo por subcategorias

ESTÁDIOS DE ERICKSON	CATEGORIAS GERAIS			
	RELAÇÕES INTERGERACIONAIS		ENVELHECIMENTO ATIVO	
	Subcategorias	F unidades	Subcategorias	F unidades
4º Estádio Diligência vs. Inferioridade	• Bom ambiente familiar com as diferentes gerações	• 6	• Trabalhar para ajudar a família • Completaram escola primária • Entrada no seminário	• 3
	• Famílias numerosas	• 7		• 8
	• Relação intergeracional na escola era difícil	• 4		• 2
5º Estádio Identidade vs. Confusão de Papéis	• Testemunhos familiares e de pregadores	• 7	• Profissão de carpinteiro • Curso de enfermagem • Formação em várias disciplinas • Entrada para o seminário • Formação espiritual	• 1
	• Transmissão de conhecimento entre gerações	• 2		• 1
6º Estádio Intimidade vs. Isolamento	• Ano de Noviciado	• 2	• Trabalho fabril • Formação espiritual • Entrada para o seminário • Trabalho de Serviço Social • Gerência de hotel • Formação em várias disciplinas	• 2
	• Ordenação Sacerdotal	• 5		• 1
7º Estádio Generatividade vs. Estagnação	• Chamamento pelo Bispo para Missão	• 1	• Trabalho de Serviço Social	• 16
	• Dar formação escolar e profissional	• 5		• Trabalhos hortícolas
8º Estádio Integridade vs. Desespero	• Adaptação difícil (na missão)	• 8	• Traduções	• 1
	• Visitas pastorais	• 3	• Trabalhos de construção	• 2
9º Estádio Geração vs. Negligência	• Formação escolar e profissional	• 4	• Trabalho de Serviço Social	• 1
	• Contatos com militares	• 3	• Formação religiosa • Estudos universitários • Vice-Reitor num seminário	• 1 • 1 • 1
10º Estádio Vitalidade vs. Desespero			• Regresso por motivos de Saúde	• 5
	• Balanço positivo	• 11		
11º Estádio Amor vs. Ódio	• Vontade de ter feito mais e melhor pela missão	• 5		
	• Atividades religiosas com a população	• 9	• Atividades que promovem a qualidade de vida	• 6
	• Visitas a familiares e amigos	• 1		

No quarto estágio, Erikson refere que existe um desenvolvimento pessoal e emocional em contexto social. Verificou-se na análise que no âmbito das RI, na família de origem, existiam por vezes um grande número de filhos (M=8), logo famílias numerosas, e o ambiente familiar era agradável (e.g. “ambiente familiar aconchegante e pacífico”). Quanto ao ensino, a maior parte dos participantes referiram que as relações entre alunos e professores (RI) eram difíceis, estando

presente o castigo físico (e.g. *"levava com a palmatória"*), o que provocava desinteresse pela continuação dos estudos (e.g. *"jurei a mim mesmo nunca mais querer fazer nada com os livros"*). A entrada no seminário era influenciada pelos testemunhos, prestados por pregadores na catequese e nas escolas sobre as missões, bem como por familiares religiosos (e.g. *"testemunho de um primo meu, que agora é Padre"*). No âmbito do EA, este verifica-se a nível dos estudos com a escola primária completa e por vezes com a entrada logo de seguida no seminário (e.g. *"tinha os meus onze anos e portanto fui para um seminário"*), bem como o facto de trabalhar para ajudar as famílias (e.g. *"ia ajudando como toda a gente, a trabalhar o mármore"*; *"ia com as ovelhas lá para o terreno"*).

No quinto estágio, verifica-se a exploração dos vários papéis sociais, adquirindo-se a noção de se ser uma pessoa com identidade própria. As RI, no ensino verificam-se através da vontade de adquirir novos conhecimentos para transmissão a diferentes gerações (e.g. *"eu queria aprender e ensinar. Queria transmitir o conhecimento tanto aos mais novos como aos mais velhos"*). Neste período verifica-se o noviciado, ano de reflexão sobre a vida religiosa (e.g. *"que é a vida religiosa com os votos. Um ano inteiro de meditação, de reflexão, de exercícios espirituais"*), confirmando-se, como refere o estágio em questão, a definição do papel social. No sector do EA, verificam-se diferentes atividades profissionais que os Irmãos missionários desenvolviam, (e.g. *"trabalhava numa serraçozita"*; *"carregava pedra e areia"*), sendo que, outros missionários estudavam Filosofia e Teologia, a fim de se tornarem Padres missionários.

O sexto estágio refere-se a importância do amor e afiliação como determinantes para estabelecer relações de intimidade com base em compromisso. No sector das RI, a Ordenação Sacerdotal é a entrega total, a uma relação de amor com Deus. A mesma relação de amor com Deus verifica-se quando nos referimos aos Irmãos e Irmãs. No sector do EA, antes da missão verificamos os mesmos resultados do estágio anterior, ou seja trabalhos desenvolvidos em áreas diversificadas.

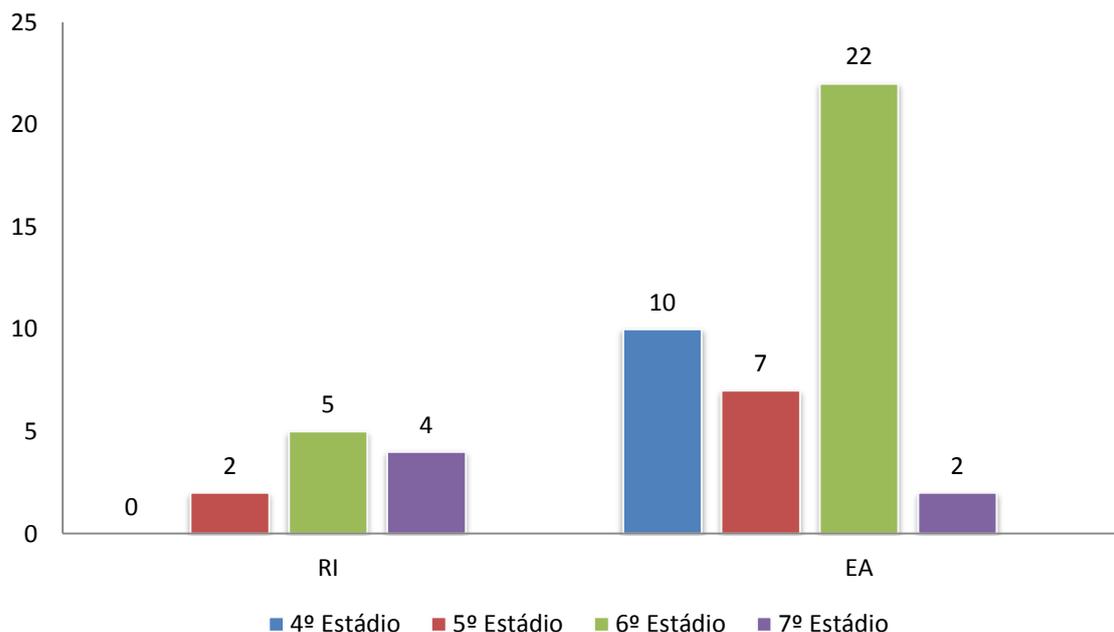
Na missão 1, passadas em Moçambique, Guiné Bissau e Angola, as RI estão presentes enquanto formadores (e.g. *"dava aulas até à 4ª classe"*, *"desenvolvimento das povoações rurais do ponto de vista social e também do ponto de vista agrícola"*), e na visitas pastorais que faziam às populações locais como nas visitas às populações vizinhas. Os missionários revelam dificuldade de adaptação quando chegam às missões, sendo o maior obstáculo a língua (e.g. *"eu expansivo como era e digamos, capaz de criar relações, que naturalmente tinha, não é, encontrei imediatamente duas dificuldades. A língua local, Macua"*, *"tentei aprender a língua"*). No sector do EA, verificamos novamente, a diversidade de trabalhos desenvolvidos.

No sétimo estágio no qual a *generatividade* significa afirmação e comprometimento do adulto com a sociedade, cooperando para um mundo melhor, os missionários apresentam o empenhamento num mundo melhor, pois continuam em missão com as mesmas responsabilidades das referidas na missão 1, salientando no sector RI, na missão 2, o contacto intergeracional com soldados e capitães enquanto tempo de guerra (e.g. *"os soldados eram mais novos, mas os capitães, isso era tudo gente mais idosa"*). Enquanto no EA, continuam a apostar na sua formação e aprofundamento religioso. O regresso dos missionários ao país de origem, acontece por motivos de saúde: osteoporose, problemas cardíacos, reumatismo, paludismo.

A dimensão dos estudos e da profissão esteve muito presente ao longo do ciclo de vida dos missionários (figura 2.1), sendo uma das questões muito referidas, tanto a nível intergeracional, e principalmente a nível do envelhecimento ativo, sendo que, em ambas as categorias gerais a dimensão esteve mais presente no sexto estágio do desenvolvimento.

No oitavo estágio, verifica-se a entrada na reforma, bem como o momento da reflexão e balanço da vida, revelando nas RI, que fazem um balanço positivo (e.g. “*não teria escolhido outra vida*”); (e.g. “*considero-me uma pessoa privilegiada por me considerar ter vivido na idade média (...) e na idade moderna*”), sendo que, os missionários declaram poderem ter feito mais pelo povo africano (“*teria aprofundado as responsabilidades que me foram atribuídas*”). No quotidiano atual, identificamos as vivências diárias dos missionários, destacando-se o facto de continuarem a ser responsáveis pelas paróquias onde vivem celebrando missas casamentos e baptizados entre outros (e.g. “*um missionário não tem reforma. Enquanto puder trabalhar trabalha. Sinto-me bem assim*”). No sector do EA, também na dimensão quotidiano atual, descrevem comportamentos saudáveis como não fumar, ter algum cuidado com a alimentação, ler o jornal e participar em tarefas diárias em casa (e.g. “*ajudo a despreparar a mesa*”).

Figura 2.1. Frequências da dimensão estudos/ profissão por estádios



Nota: valores de frequência das unidades de análise

Outros aspectos relevantes nas narrativas

Em cada narrativa (**N**) recolhida, existem descrições que contribuem para um conhecimento mais profundo dos Missionários e da vida missionária, evidenciado por frases singulares de cada uma. As viagens para as missões nos anos 50, permitiam conhecer outros países, na **N1** “*Fui de barco para Moçambique, gastámos cerca de 20 dias até Lourenço Marques, e passámos na África do Sul, na Cidade do Cabo*”, contudo a distância não deixava “*Saudades, muitas, muitas de verdade nunca tive*”.

de lado nenhum (...) nunca tive saudades". Em missão, na **N2** "*Além da assistência religiosa, a escola e saúde, também a promoção humana e profissional*" eram as atividades desenvolvidas pelos missionários enquanto em simultâneo "*Vivia-se uma situação difícil, de raptos, de morte de pessoas, alguns confrades feridos*". A avaliação positiva sobre as missões mesmo em contexto de guerra é descrita na **N3** "*Olhe, isto não dá para contar, porque foram dez anos ou onze anos tão férteis, tão sofridos de trabalhos, de responsabilidades, mas tão gratificantes, que eu posso dizer que foi o melhor período da minha vida. Os dezoito anos que passei em Moçambique. Mas foram difíceis. Todos os dias debaixo da guerra, não é? Alugar aviões para transportar as coisas. Enfim, até isso tive que fazer*". No regresso ao país de origem existia alguma dificuldade de adaptação "*Cheguei aqui a Lisboa, a maior dor que eu tinha era não encontrar ninguém com quem dialogar. Todos entretidos, só havia uma pessoa que estava e que ouvia tudo. De resto aqui era um estrangeiro. Mais do que lá*".

As condições de vida e as injustiças contra o povo eram duras de presenciar, na **N4** "*Depois mais tarde, outra vez...fizeram as pazes entre a Renamo e a Frelimo, mas houve ali muita coisa que agente tem mantido. Tanta morte. Custava-me ver. Depois, as crianças, famílias, que vás ver às fotos, ali a morrer mesmo à fome*", "*Porque queimavam-lhes as colheitas, queimavam aquilo às pessoas e...e eu assim: E é isto a guerra*". Das missões, na **N5** foi referido o tipo de relação com povo africano "*a gente ali não falava em tribos não é, com os angolanos sim, com a gentes sim, ótimas relações eu tenho, com toda a gente. Ali os mais velhos não são muitos, porque a mortandade é muito é bastante precoce. Mas com toda a gente tive de fato uma experiência muito grande de poder conhecer aquela gente na sua na sua ia dizer a palavra, na sua originalidade, na sua origem naquilo que são sem contaminação, sem grande contaminação*".

Em missão a integridade física do missionário não está segura, na **N6** "*Mesmo quando fui atacado*", "*Dormia lá num quartinho, na capela. Celebrava de manhã para a tropa e depois vinha-me pôr cá, outra vez. Quando queria visitar uma escola, também a tropa é que me ia buscar...agente ia com os carros da tropa*". A admiração pelo povo é descrita por **N7** "*a grande alegria que eu tive, foi, foi compensador, foi gratificante, quer dizer, foi um parto doloroso ver nascer um povo*", "*é a simplicidade; é a pobreza. Não é a miséria. É o povo saber viver do indispensável, só. E viver alegre. Trabalhar o dia inteiro e passar a noite a dançar e a cantar. É aquela, digamos, aquele clima sempre igual, não é? É aquela simplicidade e aquela amizade. Aquela candura das pessoas*". As condições de vida em missão em tempo de guerra eram difíceis, na **N8** "*apanhei o resto da Guerra de Libertação, apanhei a, a instalação do Marxismo/Leninismo, no país e apanhei, depois a Guerra Civil. Grave. Foi muito grave.*", "*A minha casa estava no meio das palhotas. Eu gostava muito, que estivesse no meio das palhotas*".

4. Discussão

Através das narrativas de vida verificamos a presença das RI e do EA, a partir do quarto estágio de desenvolvimento, segundo a teoria de Erikson. O ser humano inicia o seu desenvolvimento no seio familiar, e posteriormente este desenvolvimento é alargado ao contexto social com a entrada para a escola e logo passa a ter interações com diferentes grupos e sofre influências do mesmo (Michel et al, 2006). À medida que o ser humano se desenvolve, aumentam as suas competências e experiências, como a conclusão da escola primária e o desenvolvimento de alguns trabalhos para ajudar também quanto aos Missionários, neste estudo.

Ser Missionário implica disponibilidade total para servir, uma entrega de vida ao serviço do outro, formando-o espiritualmente, bem como, o ensinamento de competências que permitam fazer face ao seu desenvolvimento pessoal no contexto social em que está inserido. A transmissão de conhecimentos ministrada pelos Missionários na formação espiritual e formação escolar, quer aos mais novos, quer aos mais velhos, origina uma diversidade de relações intergeracionais, (MacCallum et al, 2010). Deste modo, a formação de homens e mulheres, vai contribuir para o desenvolvimento da comunidade, contribuindo para o progresso das sociedades.

O Missionário desenvolve múltiplas atividades, como formação religiosa, formação escolar, trabalhos agrícolas, trabalhos de construção, bem como, o desenvolvimento de múltiplas competências, com o objetivo de fazer face às adversidades encontradas, quando chegam às missões. Como já referido anteriormente, verifica-se também neste estudo que os Missionários podem ser incluídos no grupo *Sojourner*, grupo de pessoas que durante alguns anos se ausentam do país em trabalho, deixando para trás a sua cultura e país de origem, passando pela adaptação ao país que os acolhe e às adversidades sentidas (Navarra, 2005).

Porém, na adaptação quando chegam à missão, a maior dificuldade indicada pelos missionários deste estudo é ao nível da língua, visto que a comunicação é primordial, pois o contacto com a população é diário e permanente. Outras dificuldades mencionadas passam por assistir a múltiplos momentos de tensão e conflitos entre os exército e a guerrilha, bem como as injustiças contra o povo. Assim, ser Missionário requer possuir características como boa capacidade de relacionamento, de resolução de problemas, estabilidade emocional, podendo no entanto vir a desenvolver problemas de *stress* ou *burnout*, motivados pelas múltiplas atividades (Pol, 1994).

As múltiplas atividades desenvolvidas pelos Missionários, quer sejam a nível intelectual, profissional e social são fundamentais para um EA, pois promovem a satisfação com a vida, a auto-eficácia e a forma de resolução de conflitos (Ballesteros, 2009). Durante o processo de envelhecimento que ocorre ao longo da vida, existe uma interação dinâmica entre perdas e ganhos, e os missionários apostam na formação pessoal contínua e aprofundam conhecimentos (recursos pessoais), no sentido de fazer face à diminuição de recursos biológicos e com o objetivo de envelhecerem com sucesso (Baltes, 1977). No entanto, enquanto permaneciam em missão, a escolha por uma alimentação cuidada, não se verificava, bem como não existia o hábito pela prática de exercício, opções importantes no processo de envelhecimento ao longo da vida (Paúl, et al, 2011).

Desde muito cedo, a escolha de servir o outro, fazia parte dos objetivos de vida destes missionários, confiando essa vontade aos desígnios de Deus (*Seleção*). Aprofundaram e desenvolveram esses objetivos nas missões, enquanto promotores da evolução de homens e mulheres (*Otimização*). Quando por motivos de saúde, regressam ao seu país, prestam assistência religiosa às comunidades, fazem celebrações religiosas, fazem visitas aos lares de idosos e aos familiares (*Compensação*), verificando-se as fases de acordo com o modelo de Baltes (1997).

No último estágio de desenvolvimento, *Integridade*, que se refere ao fim do processo de amadurecimento, à reflexão, ao balanço, à retrospectiva de vida, ou como é referido na literatura o estágio da sabedoria, os missionários sentem-se realizados e fazem um balanço positivo apesar de algumas dificuldades experienciadas no decorrer do ciclo de vida. Um dos factores que contribui para este bem-estar é a cultura, na medida em que apesar do envelhecimento ser comum a todo o ser humano, este ocorre mediante as estratégias de adaptação utilizadas ao longo da vida, tendo em conta as experiências pessoais e os recursos disponíveis (OMS, 2002). Neste estágio, o agradecimento por tudo o que a vida representou (não esquecendo na vida missionária, experiências em contexto de guerra), revelam também como a espiritualidade contribui para o processo de envelhecimento (Silva & Alves, 2007), permitindo uma aceitação de vida, definida à partida por Deus.

O processo de envelhecimento nos missionários pauta-se pelas múltiplas atividades desempenhadas ao longo da vida, não existindo uma atividade profissional específica conforme acontece com a população em geral. Outro aspeto presente neste processo é a aprendizagem ativa em formação académica e espiritual, aumentando os recursos intelectuais, importantes para um EA.

Ao longo de cada narrativa de vida, verifica-se que estes missionários, entregaram a sua vida a Deus e dispuseram-se a “servir o outro”, e relatam vivências e acontecimentos que despoletaram sentimentos de vária ordem, sendo visível, no último estágio de desenvolvimento, a capacidade de aceitação, a resiliência, e os recursos para a superação dos mesmos, tendo estes algumas semelhanças com o envelhecimento das pessoas que vivem à luz da fé.

Através das narrativas de vida, este trabalho permite conhecer as relações intergeracionais dos missionários, presentes em todos os estágios de desenvolvimento, e em diferentes contextos, identificando ao mesmo tempo, a transmissão de conhecimentos e experiências dos missionários, determinante na formação de homens e mulheres, e promotoras do envelhecimento ativo. Este trabalho permitiu ainda perceber as múltiplas atividades em que os missionários se envolvem e os problemas mais sentidos, abrindo caminho para a criação de práticas que possibilitem um melhor acompanhamento do bem-estar e da adaptabilidade positiva dos missionários.

4.1. Limitações e direcções para futuras investigações

A limitação deste estudo está relacionada com a amostra, não só a nível do número total de participantes, bem como a nível de participantes do sexo masculino e do sexo feminino. Assim temos, num universo de oito participantes, um é do sexo feminino e os restantes do sexo masculino, logo este facto, não permite identificar diferenças entre os sexos, quer ao nível das temáticas em estudo, as RI e o EA, quer no desempenho do seu papel enquanto missionários e missionárias. No estudo de Navarra & James (2005), as mulheres missionárias, apresentam um alto grau de *stress* e segundo o

modelo do envelhecimento ativo da OMS (2002), um dos determinantes a considerar é o género, uma vez que, para além das diferenças genéticas entre homens e mulheres, existem diferenças ao nível do comportamento, da esperança média de vida e da morbilidade. Para estudos futuros será importante que a recolha de narrativas de vida seja efectuada com uma amostra maior e que contenha um número de participantes do sexo feminino e do sexo masculino semelhante.

Outra limitação prende-se com o facto deste estudo se ter baseado apenas na metodologia qualitativa, sendo que a utilização de métodos quantitativos, de forma complementar, poderiam enriquecer a análise efectuada, como a medição da satisfação com a vida.

A importância deste estudo prende-se a um nível teórico, visto que não tínhamos anteriormente o conhecimento do percurso de vida desta população específica, através das narrativas de vida, bem como, a relação entre os conceitos das RI e EA, e a Teoria dos Estádios de Desenvolvimento de Erickson. Este método mostrou-se eficaz no conhecimento do percurso de vida da população em questão. Podendo ser utilizado a um nível interventivo, na medida em que uma melhor compreensão destes fenómenos, RI e EA, ao longo do ciclo de desenvolvimento desta população específica, pode no futuro servir para um melhor acompanhamento nas gerações mais novas e ajudar na promoção do bem-estar desta geração sénior.

5. Conclusão

Como conclusão deste trabalho e tendo em conta as temáticas em estudo, verificamos que as RI estão presentes, no geral, de forma positiva ao longo do ciclo de vida dos missionários e são determinantes para a transmissão de valores e conhecimentos entre as diferentes gerações, contribuindo para a formação do ser humano, no sentido de manter as gerações unidas ou para as aproximar, com o objetivo da evolução de um mundo melhor. No âmbito do EA, podemos dizer que este processo decorreu de forma positiva, ao longo da vida dos missionários, em termos relacionais e intelectuais, conseguindo superar a falta de exercício físico, importante não só para o bem-estar físico como mental. Constatámos que os missionários séniores, no auge da sabedoria, revelam enorme capacidade de resiliência durante o percurso de vida, para fazer face às adversidades de forma positiva, sendo a espiritualidade, um dos recursos importantes que contribui para a sua *Integridade* na fase de vida atual.

Os missionários séniores podem ser mentores e modelos de vida, uma vez que, a sua abertura a novas experiências, a sua disponibilidade para os outros e a capacidade de uma aprendizagem dinâmica em vários contextos, os conduziu na estrada da vida, permitindo fazer uma retrospectiva positiva do percurso efectuado.

Referências

- Abdullah, A. (Ed.) Understanding the Malaysian Workforce – Guidelines for affect acculturation? International. *Journal of Intercultural Relations* 26, 695 – 709
analysis and interpretation. Thousand Oaks, CA: SAGE.
- Atkinson, R. (1998). *The Life Story Interview*. California: Sage Publications.
- Ballesteros, R. (2009). *Envejecimiento Activo: Contribuciones de la Psicología*. Madrid Ediciones Pirámide
- Baltes, P., & Smith, J. (1999). Multilevel and systemic analyses of old age: Theoretical and empirical evidence for a fourth age. Consultado em 24.06.2014 em www.books.google.pt/books.
- Berraux, D. (2005). *Los Relatos de Vida*. Barcelona: Bellaterra
- Erikson, E. H. e Erikson, J. (1998). *O ciclo da vida completo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Fisk, S. & North, M. (2012). An inconvenienced youth? Ageism and its potential intergenerational roots. *Psychological Bulletin*, 138. 5, p 982-997
- Garland & Garland (2001). Consultado em: <http://www.amazon.com/Life-Review-Health-Social-Care/dp/0415216567>
- Gonçalves, M. (2014). *Resilience throughout life: the narrative of a senior missionary kidnapped by Renamo. Second World Conference on Resilience*. Timisoara: Romania.
- Grazina, M., & Sousa, A. (2012). Intergeracionalidade: Que futuro? Porto implications for nursing rehabilitation. *Rehabilitation Nursing*. 33 (3). 117-123.
- Instituto Missionário da Consolata. (2008). *Missionários/as da Consolata em Portugal*. Retirado de <http://www.consolata.pt/>
- Judith MacCallum PhD , David Palmer PhD , Peter Wright PhD , Wendy Cumming-Potvin PhD , Kaplan, M., Forthun, L., Kostelecky, K., Nichols, A., Johnston, J., Corbin, M., Elrod, B. & Crocoll, C. (2008). Rationale and Recommendations for Strengthening the Intergenerational Agenda Within Cooperative Extension [White paper].
- Kuehne, V. S. (2003). The State of Our Art. *Intergenerational Relationships*, 1:1, 145-161, DOI: 10.1300/J194v01n01_12
- Lieblich, A., Tuval-Maschiach, R., & Zilber, T. (1998). Narrative research: Reading, Michel, G. & Ouakil, D. (2006). *Personalidade e Desenvolvimento: do normal ao patológico*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Miriam Brooker & Cameron Tero (2010) Australian Perspectives: Community Building Through Intergenerational Exchange Programs. *Journal of Intergenerational Relationships*, 8:2, 113-127.
- Myers, J. (2008). *Factors Associated with Changing Cognitive Function in Older Adults*:
- Navarra & James (2005) Acculturative stress of missionaries: Does religious orientation affect religious coping and adjustment? *International Journal of Intercultural Relations*, 29(1):_39–58.
- Navarra, S. & James, S. (2002). *Sojourner adjustment: does missionary status*. International Journal of Intercultural Relations, 26 (2002) 695–709.
- OMS (2002), Vieillir en Restant Actif: Cadre d’Orientation
- Pinto, T., Hatton-Yeo, A., & Marrel, I., (2008). *Guia de ideias para planear e implementar projectos intergeracionais. Portugal: Associação de valorização intergeracional e desenvolvimento ativo*.
- Pol, H. (1994). *Missionary Selection, Stress, and Functioning: A Review of the Literature*. Biola University

- Programa de Acção, (2012). *Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações*. Portugal
- Rabello, E. & Passos, J., (2001). *Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento*.
- Ribeiro, O. & Paúl, C. (2011). *Manual de Envelhecimento Activo*. (p. 1). Lisboa: Lidel
- Shephard, P. (1996). *Working with Malaysians – Expatriates and Malaysians Perspectives*. In
- Tavares, J., Pereira, A., Gomes, A., Monteiro, S. & Gomes, A. (2007). *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto: Porto Editora
- Teiga, S. (2012). *As Relações Intergeracionais e as Sociedades Envelhecidas. Envelhecer numa sociedade não Stop – O Território Multigeracional de Lisboa Oriental*. IPL – ESEL

Anexos

Anexo A – Guião da narrative de vida

1 Quando nasci e meus primeiros anos

Nome

Idade

Onde nasceu?

O que faziam os seus pais?

Quantos irmãos eram?

2 Quem compunha a minha família e condições de vida

Descreva-me o local onde morava.

Com que vivia?

Com quem habitava a casa de família?

Gostaria de saber como era o seu dia-a-dia, em sua casa quando era criança.

Lembra-se de ter tido responsabilidades e obrigações em casa quando criança?

Gostava que as descrevesse (cuidar dos irmãos, do campo, dos animais...)

3 Escola

Onde fez a escola primária?

Como ia para a escola?

A que distância de casa ficava a escola?

Com quem ia para a escola?

O que fazia quando regressava da escola?

Descreva-me a sua relação com o/a professor/a.

Descreva-me a sua relação com os colegas.

Depois de acabar a escola primária quais eram os seus projetos?

Que profissão desejava para si?

Qual a Profissão que aprendeu?

4 Relações familiares

Fale-me um pouco das suas relações familiares, como foram as vivências:

Como era a sua relação com o seu pai?

Como era a sua relação com a sua mãe?

Como era a sua relação com os seus avós?

Como era a sua relação com os seus irmãos?

5 Chamamento

Antes de entrar para o instituto tinha alguma ideia do que iria fazer?

Com que idade entrou para o instituto?

Quando foi a entrada?

Onde iniciou a sua vida missionária?

Quando sentiu o chamamento para a vida religiosa?

Durante a sua formação teve alguém como modelo para a vida missionária?

As relações intergeracionais promovem o bem-estar a confiança e compreensão entre as diferentes gerações. Como eram as relações entre as diferentes gerações?

(Alunos/professores)

6 Universidade

Qual a sua formação académica?

Onde foi feita?

Como decorreu?

7 Noviciado

Descreva-me o que é o noviciado.

Como foi o seu noviciado?

8 Missão

Como foi a decisão de partir para o exterior em missão?

Países onde fez missão?

Quanto tempo esteve em cada missão?

Onde foi a sua primeira missão?

Onde e como foram as seguintes?

Descreva-me as diferentes tribos, culturas, usos e costumes nas missões.

O que mais e menos gostou?

Quais eram os maiores receios?

Quais as maiores dificuldades?

Qual o seu conhecimento sobre as missões antes de partir (clima, alojamento, deslocações, tempo de missão)?

Nas missões, enquanto formador de homens e mulheres ao nível espiritual, como também no ensino de práticas básicas para o desenvolvimento humano, como decorriam os ensinamentos?

9 Últimos anos da missão

Como foram os últimos anos de missão?

Como foi tomada a decisão de regressar?

Como foi feita a despedida?

10 Chegada a Portugal

Descreva-me a sua chegada a Portugal ao fim de alguns anos fora do país em missão.

11 Hoje em Portugal qual relação com o que e quem lá deixou

Qual é a relação com quem lá deixou?

Sente saudades da vida em missão?

Voltava para a missão no exterior?

12 Como foi a vida depois do regresso

Continua com responsabilidades diárias?

Que tipo de tarefas realiza diariamente?

Descreva-me como passa os dias?

Tem por hábito a prática de exercício físico? Qual?

Tem cuidado com a sua alimentação? De que forma?

Fuma ou fumou durante algum período da sua vida?

13 Envelhecimento

Qual o balanço/retrospectiva que faz da sua vida?

O que gostaria de ter feito e não fez ao longo da vida?

Anexo B – Consentimento informado

Eu, Ana Paula Chastres Fernandes, aluna de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, no ISCTE, em Lisboa, solicito a sua colaboração para a recolha da sua narrativa de vida, a fim de realização da minha dissertação, subordinada ao tema “*Relações Intergeracionais e Envelhecimento Ativo ao longo do ciclo de desenvolvimento: uma análise de narrativas de vida de missionários seniores*”.

Este estudo tem o objetivo de perceber como os seniores experienciaram as Relações Intergeracionais ao longo da vida e identificar como vivem o seu Envelhecimento Ativo.

A sua participação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento.

A recolha das narrativas, efectuada através de entrevistas áudio gravadas, será destruída após transcrição das mesmas. A sua participação será anónima, podendo a divulgação dos dados ser efectuada em contextos pedagógicos e/ou científicos.

Muito obrigada pela sua colaboração.

O participante:

Eu, _____, aceito participar neste estudo de forma voluntária e anónima, permitindo a gravação áudio da entrevista de narrativa de vida.

Data, ___/___/___

Investigadora: Ana Paula Chastres Fernandes

Anexo C – Resumos das narrativas de vida

N1 - A família vivia toda junta (...). O pai era carpinteiro a mãe costureira e em casa eram as irmãs que faziam tudo. Através do primo soube que podia ingressar no seminário. Esteve em missão 18 anos em Moçambique e 8 no Congo. Como balanço de vida refere que foi bom e que devemos aceitar as escolhas que fazemos.

N2 – Vivia com os pais e os irmãos. Fez o noviciado em Itália e “mais que estudar matérias é a espiritualidade”. Esteve em missão na Guiné Bissau na Argentina e em Moçambique. Das missões recorda os festejos religiosos, as dificuldades e os momentos delicados.

N3 - Viveu com os pais e eram doze irmãos. Ambiciona ter uma profissão social, Cirurgião ou Padre, melhor Missionário. Esteve em Moçambique 18 anos e 9 anos em Itália. Como balanço de vida sente-se hoje um homem contente e faz uma retrospectiva positiva da vida

N4 – Eram dez irmãos e os pais trabalhavam no campo. Foi durante a catequese que ao falarem das missões foi sentido o toque da missão. Esteve em missão cerca de 30 anos sem Moçambique e cerca 2 dois anos em Angola. Faz um balanço positivo da vida “Sempre com os outros e estar com os outros ...A VIDA É ISTO.”

N5 - Eram 5 irmãos, vivia com os pais. Cresceu num ambiente religioso e sempre quis ser um Padre Missionário. Esteve em Missão em Angola 25 anos. Como é um homem de fé, acredita que Deus traça o nosso caminho. Gostaria de ter continuado em Angola por mais tempo

N6 - Eram 8 irmãos e trabalhava para ajudar a família pobre e numerosa. Quando fez a primeira comunhão sentiu vontade de continuar a comungar apesar de não gostar de ir à missa. Esteve em Missão, em Moçambique, por dois períodos de tempo, primeiro 5 anos, antes da independência e depois mais 21 anos. A sua retrospectiva de vida é positiva, o tempo passou a correr agora importa o futuro

N7 - Eram 8 irmãs e vivia num ambiente “familiar, aconchegado, pacífico”. Gostava da catequese, “gostava de coisas de fé” e sentia que a mãe ia rezar por ele. Esteve quase 30 anos em missão em Moçambique. Como balanço de vida, refere estar bem “Não me dói nada. Nem do corpo, nem da alma”.

N8 - Eram 4 irmãos e era uma pessoa muito difícil em casa. Vocação de serviço aos outros, queria fazer algo para ajudar. Missão em Moçambique durante 26 anos. “Deus faz o caminho” é uma pessoa feliz.